

**Eduardo Carneiro Lima**

Pesquisador da Universidade  
Estadual do Ceará (Brasil)

[educl.lima@gmail.com](mailto:educl.lima@gmail.com)

**Ana Cristina Batista  
dos Santos**

Professora da Universidade  
Estadual do Ceará (Brasil)

[ana.batista@uece.br](mailto:ana.batista@uece.br)

**Patrícia Passos Sampaio**

Professora da Universidade  
de Fortaleza (Brasil)

[patriciap@unifor.br](mailto:patriciap@unifor.br)

**Dados para contato:**

Eduardo Carneiro Lima  
Universidade Estadual do Ceará  
Av. Dr. Silas Munguba, 1700 - Itaperi,  
60714-903, Fortaleza, CE, Brasil.

URL da Homepage:  
<http://www.uece.br/>

Recebido em: 07/03/2020  
Aprovado em: 18/02/2021

DOI:  
<http://dx.doi.org/10.23925/recape.v11i2.47473>

**FENÔMENO SLASH: CARTOGRAFANDO  
TRAJETÓRIAS PROFISSIONAIS DE  
TRABALHADORES CONTEMPORÂNEOS**

**SLASH PHENOMENON: CARTOGRAPHING PROFESSIONAL  
TRAJECTORIES OF CONTEMPORARY WORKERS**

**FENÓMENO SLASH: CARTOGRAFÍA DE  
LAS TRAYECTORIAS PROFESIONALES DE LOS  
TRABAJADORES CONTEMPORÁNEOS**

---

**RESUMO**

O fenômeno *slash* – sinal gráfico da barra diagonal (/) – refere-se a uma geração de profissionais que acumula e pratica múltiplas atividades, como: administrador/fotógrafo; arquiteta/atriz/cantora. Nesta pesquisa – que tem como objetivo compreender, numa perspectiva interdisciplinar, as características das trajetórias dos *slashers* – conduzimos uma investigação com orientação integralmente qualitativa. Na expectativa de apreender a aparente complexidade do nosso objeto de estudo, passamos a trabalhar inspirados pelo método cartográfico, investigando e mapeando as trajetórias profissionais de 06 *slashers* nas cidades de Fortaleza e São Paulo, no período de setembro de 2017 a janeiro de 2019. Como resultados, cartografamos um mapa com as possíveis rotas profissionais dos *slashers*, além de duas sínteses provisórias – (i) confirmando algumas das características desses sujeitos abordadas na literatura e (ii) crítica a uma possível “glamourização” dessa dinâmica – e uma proposição reflexiva – a respeito do sentido de “lugarização” no mundo desses trabalhadores.

**Palavras-chave:** Fenômeno slash. Cartografia. Carreira.

---

**ABSTRACT**

The slash phenomenon - graphic sign of the diagonal bar (/) - refers to a generation of professionals who accumulate and practice multiple activities, such as: administrator / photographer; architect / actress / singer. In this research - which aims to understand, in an interdisciplinary perspective, the characteristics of the slashers' trajectories - we conducted an investigation with an entirely qualitative orientation. In the expectation of apprehending the apparent complexity of our object of study, we started to work inspired by the cartographic method, investigating and mapping the professional trajectories of 06 slashers in the cities of Fortaleza and São Paulo, from September 2017 to January 2019. As results, we mapped a map with the possible professional routes of the slashers, in addition to two provisional syntheses - (i) confirming some of the characteristics of these subjects addressed in the literature and (ii) criticizing a possible “glamorization” of this dynamic - and a reflective proposition - regarding the sense of “localization” in the world of these workers.

**Keywords:** Slash phenomenon. Cartography. Career.

## RESUMEN

El fenómeno *slash* (signo gráfico de la barra diagonal (/)) se refiere a una generación de profesionales que acumulan y practican múltiples actividades, tales como: administrador / fotógrafo; arquitecto / actriz / cantante. En esta investigación, cuyo objetivo es comprender, en una perspectiva interdisciplinaria, las características de las trayectorias de los *slashers*, realizamos una investigación con una orientación totalmente cualitativa. Con la expectativa de comprender la aparente complejidad de nuestro objeto de estudio, comenzamos a trabajar inspirados por el método cartográfico, investigando y mapeando las trayectorias profesionales de 06 *slashers* en las ciudades de Fortaleza y São Paulo, desde septiembre de 2017 hasta enero de 2019. Como resultados, mapeamos un mapa con las posibles rutas profesionales de los *slashers*, además de dos síntesis provisionales: (i) confirmar algunas de las características de estos temas abordados en la literatura y (ii) criticar una posible “glamourización” de esta dinámica - y una propuesta reflexiva - respecto al sentido de “localización” en el mundo de estos trabajadores.

**Palabras clave:** Fenómeno slash. Cartografía. Carrera.

## 1 INTRODUÇÃO

O trabalho sofre, historicamente, fortes influências das mudanças vividas pelo homem. Presupondo que o homem produz a sua existência por meio do trabalho, percebemos que, ao longo da história, notadamente sob a contínua luta pela sobrevivência, conquista da dignidade e felicidade social, o trabalho assumiu significativa importância, sendo preservada sua centralidade na vida (Antunes, 2009; Alcadipani; Medeiros, 2016).

Novos cenários mercadológicos, organizações e profissões surgem, requisitando novas formas de organizar o trabalho. Nessas novas formas, percebemos que a lógica da construção de uma carreira tradicional e linear, sustentada pela alta especialização e vocacionada pelo exercício de uma única habilidade, cultivando um currículo verticalizado com experiências e trajetórias similares, tem sido substituída por concepções modernas de trabalho no campo das experiências e experimentações, principalmente por jovens (Chanlat, 1995; Cavazzote; Lemos; Viana, 2012; Eugenio, 2012; Almeida, 2012).

Essa conjuntura que demonstra mudanças nos padrões de percepção, orientação e inclinação das trajetórias profissionais, indica o aparecimento de um “novo agente criativo contemporâneo” (Eugenio, 2012, p. 238). Esse novo agente surge em um contexto onde o mundo do trabalho tem requisi-

tado novas formas de construção de sua carreira, horizontalizando e acumulando, simultaneamente ou não, experiências de trabalho, com organizações que esperam dele uma atuação e um domínio de múltiplas atividades, rompendo com os padrões tradicionais da especialização (Ferreira, 2012).

Discussões atuais sobre esse tema ganham campo à medida que o número de profissionais inseridos nessa nova dinâmica das relações de trabalho aumenta. Assim, novos conceitos ligados a trajetórias profissionais emergem, a exemplo da geração *slash* (Eugenio, 2012). Geração *slash*, objeto de estudo dessa pesquisa, ganhou esse nome devido ao sinal gráfico da barra diagonal (/), em inglês. É utilizado para designar a geração que acumula e pratica múltiplas atividades, aparentemente sem qualquer correlação, como: administrador/fotógrafo; arquiteta/atriz/cantora; advogado/chef de cozinha/DJ/produtor musical (Eugenio, 2012). Presumimos que são profissionais que encontram na prática *slash* alternativas de enfrentamento e construção de uma teia entre o que se gosta e o que é preciso fazer (Alboher, 2012), muito embora o nosso interesse esteja muito mais em investigar “o que eles gostam de fazer”, mas sem deixar escapar outras possíveis dimensões.

Propomo-nos a observar esses trabalhadores não como sujeitos-integrantes de uma chamada “geração *slash*” pela literatura, mas como sujeitos-participantes que se identificam com um “fenômeno *slash*”, na expectativa de contribuir com uma ciência social aplicada que considera as práticas desses sujeitos como elas são, de aproximar teoria e empiria de trabalhadores que se descobrem no campo das experiências e das experimentações e de fornecer subsídios para tentar elucidar essa nova dinâmica laboral no mundo contemporâneo.

Tem-se, portanto, como objeto de estudo as trajetórias profissionais dos *slashers* na contemporaneidade. Tomamos como questão orientadora: Como se caracterizam as trajetórias profissionais dos *slashers* na contemporaneidade? O objetivo geral é compreender, numa perspectiva interdisciplinar, as características das trajetórias profissionais dos *slashers*.

## 2 DA CARREIRA LINEAR AO FENÔMENO SLASH

A literatura revela que carreira, emprego formal e ocupação em uma firma eram, até pouco tempo, tidos como sinônimos de trabalho (Tolfo, 2002). O estudo sobre carreiras contempla a compreensão da individualidade dos profissionais ao relacionar o par “trabalho-carreira” às práticas de atividades laborais ao longo da vida profissional (Hall, 2012). Essa individualidade indica, ainda, distintas possibilidades de trajetórias profissionais, inclusive as consideradas tradicionais, a exemplo da carreira linear (Eugenio, 2012). De forma sequencial, o trabalhador estabelece, a partir de certa habilidade específica, uma linha de condução da trajetória profissional. Esse modelo esteve fortemente presente até meados da década de 1970, “caracterizado pela estabilidade e progressões lineares e verticais” (Sant’anna; Kilimnik, 2009, p. 34), associado à vocação pessoal (Cordeiro, 2012).

As novas práticas profissionais surgem rompendo com padrões tradicionais de trabalho e apontando para o surgimento de um sujeito que constrói de forma particular as trajetórias profissionais. Esse profissional enfrenta um mercado de trabalho diferente, com cenários competitivos, considerando, principalmente, a tendência de mudança do que se pensa sobre trabalho para um modelo que inspira independência e autonomia (Bauman, 2001; Cordeiro, 2012). É nesse contexto mutante que emerge o fenômeno *slash*.

Eugenio (2012, p. 229) afirma que “*slash* é o nome do sinal gráfico de uma barra diagonal, utilizado em endereços *web* e também para indicar múltiplas habilidades ou funções acumuladas por uma mesma pessoa” em um fluxo migratório próprio ou acúmulo de atividades que, aparentemente, não apresentam qualquer correlação. Também em 2012, o repórter Eduardo Magalhães, no *website* do O Globo, lançou uma reportagem sobre a geração *slash*: “Eles fazem de tudo: conheça a ‘*slash generation*’”. A trajetória profissional dos *slashers* se caracteriza de forma diferente quando comparada ao modelo tradicional linear e sequencialmente similar (Rotunno, 2016). Não ser o especialista que sabe tudo de um assunto só, mas experimentar o novo, avançar em diferentes territórios do conhecimento, ter uma formação ampla, diversificada e próxima de saber um pouco de tudo, revelam o que parece ser o perfil criativo dessa nova geração profissional (Eugenio, 2012).

Outro termo relacionado a esse tema foi popularizado por Alboher (2012), que defendeu a dinâmica de uma carreira *slash* como estratégia de sujeitos que buscam equilíbrio entre o que se ama e o que é preciso fazer. Dessa forma, é possível ser advogado/comerciante/cantor, professor/empreendedor/poeta, engenheiro/blogueiro/fotógrafo. O acúmulo de atividades em paralelo é uma das estratégias de posicionamento e principais características desse novo agente criativo (Eugenio, 2012), que encontra na conciliação de múltiplas atividades, aparentemente distintas, a experimentação de uma vida prazerosa, mesmo atuando em atividades consideradas tradicionais. A vida dinâmica e repleta de atividades diferentes, que podem ser ou não complementares, parecem definir o perfil desses trabalhadores que têm a criatividade como marca distintiva (Eugenio, 2012). Os *slashers* despontam, fundamentalmente, em um cenário de experiências e experimentações.

As pesquisas de Almeida (2012) revelaram que profissões distantes, como o caso da médica/DJ/poeta/música, podem atuar em relações de retroalimentação, em sinergia no cotidiano profissional. É possível suprimir a vida pessoal e fazer algo só pelo dinheiro, “mas não a qualquer preço”, como disse Manu, outra entrevistada de Almeida (2012, p. 242). Parecem construir suas trajetórias profissionais balanceando o que dá prazer e o que é preciso fazer (Alboher, 2012), mas resistimos à tentação interpretativa de observá-los apenas como sujeitos intolerantes às dificuldades da vida e que se dedicam, nesses casos, a uma simples prática de *hobbies*, pelo contrário, parecem aceitar essas dificuldades para depois recusá-las (Almeida, 2012).

A dinâmica *slash* aponta, ainda, para outras formas de atuação profissional que se configuram no campo da lógica de “se virar: um aprender enquanto se faz” (Eugenio, 2012, p. 230) ou, como sugere Ibarra (2009, p. 02), “um processo de transição em uma prática de aprender fazendo”. São profissionais que praticam outras atividades para dar vida a uma atividade principal, que “se viram” para possibilitar a execução de outra atividade, seja pela falta de recursos financeiros ou, ainda, pelo prazer que vão descobrindo em participar de todo o processo criativo (Eugenio, 2012).

A imaginação ganha cada vez mais espaço como elemento natural da lógica da vida corrente da sociedade moderna, sendo “hoje um palco para a ação e não apenas para a evasão” (Appadurai, 2004, p. 20). Observamos que são nessas sutilezas, nessas rotas de fugas e até nas práticas de resistências onde estão os *slashers*. Não seriam os *slashers* os novos agenciadores de mudanças no campo do trabalho, especificamente na forma de construir uma carreira? Ao que parece, não é mais necessário ter um papel definido enquanto trabalhador, cada um pode ser criativo, inventivo, imaginativo e ter múltiplas identidades profissionais.

Diógenes (2016) afirma que conquistar o emprego dos sonhos e o prazer misturam-se de tal forma que realizar várias atividades ao mesmo tempo parece se desconectar do ritmo enfadonho do trabalho tradicional. E se perceber “desconectando da lógica tradicional de trabalho” pode acontecer a partir do que Almeida, Eugenio e Bispo (2016, p. 28 e 29) chamaram de paragem e desmobilização, onde alguns sujeitos buscam “por meio de uma tática [própria] habitar a pausa, o parênteses provisório e a paragem [...]. Desmobilizam porque preferem não fazer”, vivem um tempo onde “tudo pode”, inclusive “poder não escolher, poder não exercitar a potência própria”, num fluxo de descobertas de si e de novos percursos profissionais.

Pensamentos como esses nos ajudam a hipotetizar que os *slashers* podem funcionar como nômades no mundo do trabalho e, assim como Rotunno (2016) sugeriu, buscam defender a própria liberdade e conviver com as incertezas cotidianas.

### 3 O DESENHO DA PESQUISA

A pesquisa teve orientação integralmente qualitativa, desde a imersão na literatura até a análise das entrevistas em profundidade e nas vivências de observação dos pesquisadores. Inspirados pelo pensamento de Romagnoli (2009, p. 167), entendemos que “para se conhecer realmente uma realidade, é necessário estudá-la em todos os seus aspectos, relações, conexões, pois tudo está em constante transformação e correlação”.

Na expectativa de apreender essa complexidade, passamos a trabalhar inspirados pelo método cartográfico, com o conceito rizomático proposto por Deleuze e Guattari (1995, p. 14), que traz a “lógica

que privilegia as conexões e não as superfícies ou os limites externos. [...] Qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo. É muito diferente da árvore ou da raiz que fixam um ponto, uma ordem”. Cintra *et al.* (2017, p. 45) argumentam que “o rizoma não se fecha sobre si, é aberto a experimentações, é sempre ultrapassado por outras linhas de intensidade que o atravessam” e, por isso, encontramos novas rotas metodológicas na própria experiência e em fases diferentes da pesquisa.

Cartografar só foi possível com o suporte do relato oral dos entrevistados. Para Queiroz (1988, p. 15), o relato oral é uma “técnica útil para registrar o que ainda não se cristalizara em documentação escrita, o não conservado, o que desapareceria se não fosse anotado”. Serve, por exemplo, para captar o que não está explícito ou até mesmo o indizível. São histórias contadas com “relatos de fatos não registrados por outro tipo de documentação. [...] Buscando uma convergência de relatos sobre um mesmo acontecimento ou sobre um período de tempo” (Queiroz, 1988, p. 19). A partir das falas, utilizamos, principalmente, a técnica de análise e interpretação dos núcleos de sentido (ANS) (Mendes, 2007).

A pesquisa de campo aconteceu no período de setembro de 2017 a janeiro de 2019, nas cidades de Fortaleza e São Paulo, com a participação de seis entrevistados, cujos nomes fictícios são: Camila e Patrícia, em Fortaleza; e Felipe, Marcelo, Mariana e Joaquim, em São Paulo. As idades variam entre 29 e 50 anos. Buscamos sujeitos que participavam de um mesmo modo de vida (Eugenio, 2012), isto é, que vivenciavam o fenômeno *slash*.

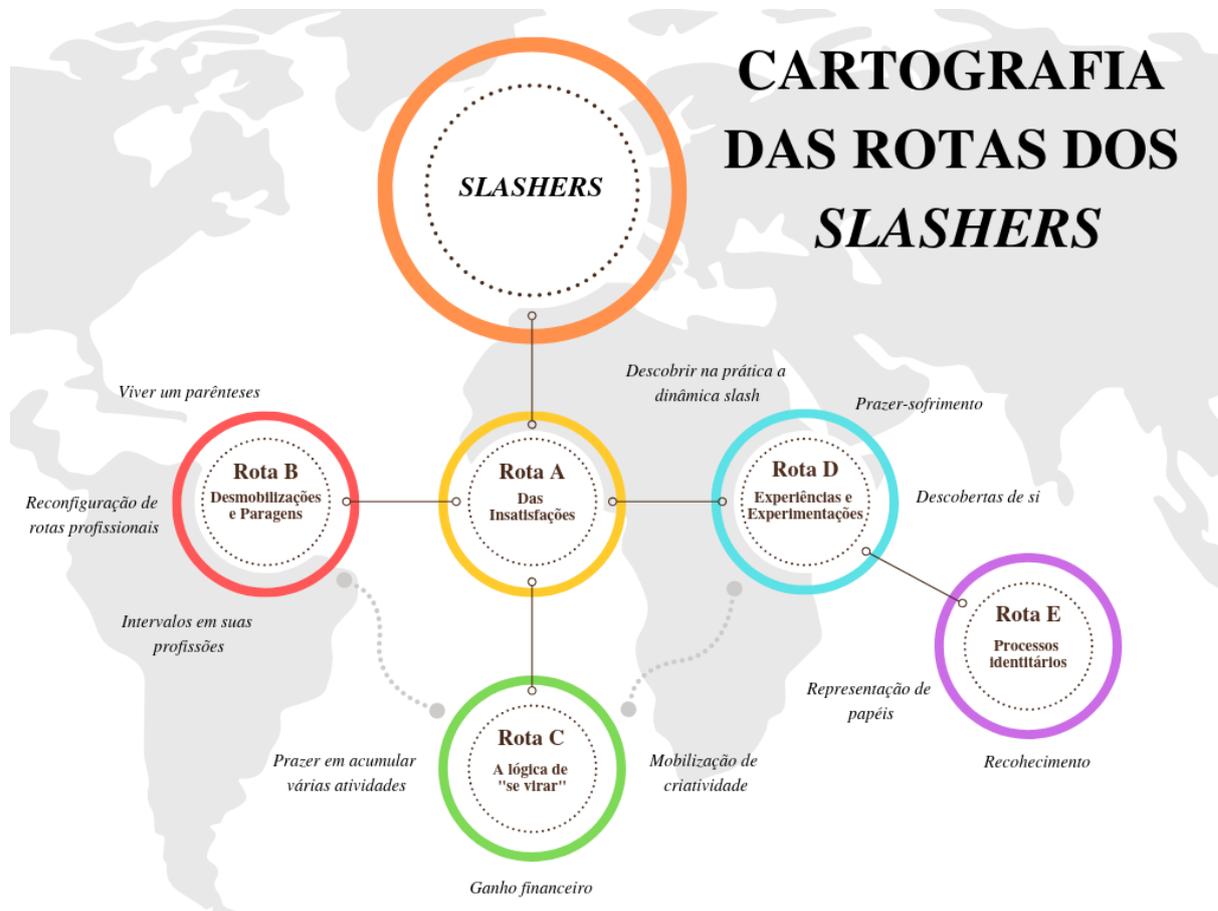
É no momento da pesquisa de campo que experimentamos grande realização do esforço profissional enquanto pesquisadores. É como se ali, na empiria, fôssemos banhados pelos afetos dos encontros, escritos e registros. É quando permitimos acessar, por exemplo, a dimensão do prazer ao vivenciar, de fato, um bom encontro com os interlocutores. Por exemplo, Felipe escolheu um bar e um fim de tarde para encenar o nosso primeiro encontro. E, sem o fetiche procedimental de utilizar isso apenas como um discurso metodológico, vivenciamos o que era importante para ele. Claro que nem tudo fica no campo da ideia e do prazer. Existe uma dimensão do “trabalho braçal”, como desenrolar em linhas tudo o que foi visto e transcrever horas e horas de gravações, tudo isso após um dia cansativo. O fato é que damos o devido valor e atenção à parte técnica dessa pesquisa, mas não permitimos escorrer uma gota sequer da sensibilidade de cada história revelada. O “sentir” que suas “rotas de vida” estavam emergindo, nesse caso, foi o critério por excelência para se identificar a saturação empírica. Debruçamo-nos sobre os dados coletados e deixamos o “perceber” tomar conta dos nossos olhares, fugindo das narrativas consideradas tradicionais para resumir e generalizar a vida dos sujeitos.

## 4 CARTOGRAFANDO AS ROTAS PROFISSIONAIS DOS SLASHERS

Cartografar desvelou-se como um mergulhar nas ideias e nos afetos que circundam os territórios que desejamos conhecer, é adentrar na pesquisa e se impregnar intelectualmente do objeto de

tal modo que se crie um traçado singular do que nos propomos a estudar (Romagnoli, 2009). Com isso, elaboramos um mapa que chamamos de “Cartografia das rotas dos slashers” (Figura 1).

Figura 1 – Cartografia das rotas dos slashers



Fonte: elaborada pelos autores (2019).

Inicialmente, separamos um pequeno espaço para apresentar os nossos entrevistados: Camila tem 35 anos, solteira e é publicitária/superintendente de cobrança/empreendedora; Felipe tem 36 anos, solteiro e é publicitário/sommelier de cervejas; Marcelo tem 40 anos, solteiro e é analista de sistemas de TI/micro digital *influencer*/empreendedor; Mariana tem 30 anos, solteira e é médica/cantora/professora de capoeira; Joaquim tem 50 anos, casado e é sócio de uma empresa que promove eventos para marcas de luxo/dono de uma pousada em Parati; Patrícia tem 29 anos, solteira e é advogada/especialista em direito e relações internacionais/trabalha na Cruz Vermelha/professora de inglês/tradutora/intérprete/cantora. Apesar de também terem outras atividades, como Joaquim que também é piloto de avião e engenheiro civil, registramos, aqui, apenas as atividades que geram renda ou, de algum modo, fazem parte do cotidiano dos nossos interlocutores.

As rotas, na verdade, funcionam como conceitos, identificados ou não previamente na literatura, que foram verificados como escolhas possíveis dos *slashers* em suas trajetórias profissionais, trazendo “um novo patamar de problematização, contribuindo para a articulação de um conjunto de saberes, inclusive, outros que não apenas o científico, e favorecendo a revisão de concepções hegemônicas” (Romagnoli, 2009, p. 169-170). E essa forma “multi” de conduzir a pesquisa – multidisciplinariedade, multimétodos, múltiplas rotas – sustentou nossas observações e discussões sobre os achados, ajudando-nos a descrever o que parece ser uma tentativa de percorrer as rotas dos nossos interlocutores em suas próprias trajetórias profissionais, trazendo a reflexão a partir dos três aspectos: observação dos pesquisadores, falas dos *slashers* e o que diz a literatura sobre cada tema, aprendendo na prática a respeitar a processualidade requerida pelo método cartográfico para construção de conhecimento científico.

#### 4.1 Rota A: das insatisfações ao longo de suas trajetórias profissionais

A literatura não conseguiu atender a um dos nossos primeiros questionamentos: “como é despertado o desejo de acumular mais de uma atividade de trabalho entre os *slashers*?”. Já no campo, em contato com os nossos entrevistados, e considerando a própria cartografia como método de pesquisa, conseguimos perceber que, possivelmente, os *slashers* despontem num cenário de insatisfações com o modelo de trabalho considerado tradicional.

A Patrícia, por exemplo, começou a buscar outras atividades de trabalho para conciliar com os estudos quando vivenciou algumas insatisfações com o próprio curso de Direito. À época, estagiava como advogada em uma grande indústria na cidade de Fortaleza:

[...] eu não queria mais trabalhar no direito, [...] não me formei no tempo certo, porque não tava mais me identificando como o direito, pelas práticas e experiências eu não tinha gostado, entendeu? O Brasil, infelizmente, é um país que não é justo, a justiça é feita de uma forma muito parcial, então isso mexeu muito comigo.

Vivenciar a insatisfação com o próprio curso fez Patrícia migrar para a área internacional que, apesar de continuar trabalhando “com Direito”, qual seja o “Direito e Relações Internacionais”, abriu os horizontes para que ela começasse a dar aulas de inglês, ser tradutora, intérprete e para o curso de psicologia que pretende cursar. Assim, a insatisfação gerou movimento em direção a novas possibilidades.

Marcelo contou que o acúmulo de pequenas insatisfações o fez romper com o modelo tradicional de carreira e buscar outras atividades de trabalho. Durante certo tempo, optou por conciliar as suas funções em uma grande empresa de TI com o projeto do negócio próprio, até partir para o acúmulo de outras atividades em paralelo. Camila, até pouco depois de janeiro de 2019, conciliava as

suas atividades como superintendente e empreendedora. Contou que despertou para essa dinâmica logo após a insatisfação de vivenciar mudanças na gestão da empresa onde trabalhava e, simbolicamente, ter sido desmoralizada pelo CEO da companhia em duas reuniões com todos os gestores.

## 4.2 Rota B: desmobilizações e paragens

Almeida, Eugenio e Bispo (2016, p. 15) discorrem sobre a desmobilização como a tentativa de escapar do excesso de movimento dos dias atuais, criando, assim, uma espécie de “nova epistemologia da paragem, isto é, da tomada de distância frente ao turbilhão de um mundo cuja engrenagem parece se mover em direção à maximização incontrolável do progresso e aceleração”. Estávamos atentos às características que surgiam nos intervalos da dinâmica *slash*, farejando nas brechas ou nas fissuras aspectos que apontavam para as desmobilizações e paragens em suas trajetórias de vida e profissional (Almeida; Eugenio, 2016).

Adentrar nas histórias contadas pelos sujeitos dessa pesquisa tornavam visíveis as diferentes formas de paragens, suas reconfigurações, reflexões, motivações e análises. Joaquim, considerando as suas próprias experiências com sustentabilidade na área ambiental, afirma que “parar” foi importante no processo de descobertas de si, mas sabe que nem todos têm a oportunidade de fazer isso. Relatou, principalmente, três momentos em que conseguiu “parar”: (i) ficou um tempo na Turquia para se encontrar na engenharia civil; (ii) morou dois anos em Los Angeles quando não sabia mais se queria continuar no mercado de moda e luxo; e, por fim, (iii) ficou outros dois anos em Parati dedicado a pousada, até perceber que é possível encontrar prazer acumulando essas e outras possíveis atividades de trabalho.

Patrícia, que realizou uma paragem de quase três meses na França, afirmou que precisava desse momento para acelerar a fluência na língua francesa, mas, principalmente,

porque estava esgotada, estava fazendo um milhão de coisas e acabava que eu não estava concentrada no que eu queria, eu precisava de um tempo para mim. [...] foi incrível, porque eu consegui descansar o meu cérebro. E eu vi o quanto eu tenho que ter cuidado e responsabilidade com o meu cérebro. [...] você faz cinco milhões de atividades com o seu cérebro sem entender que ele pode ter algo como *burnout*.

E Patrícia escolheu “parar” exatamente no momento onde conseguia fazer um bom dinheiro acumulando tantas atividades e com “a flexibilidade que poucos trabalhadores têm, afinal, quem consegue tirar duas ou três férias por ano?”, mas entendeu que precisava parar, recalculando suas rotas e se reencontrando em seus percursos profissionais. Retornou decidida a afunilar as suas atividades de trabalho, preocupando-se em “diminuir a intensidade delas” e ter um direcionamento maior para o direito internacional, com foco na ONU.

Os relatos acima apontam para possíveis sobrecargas dos sujeitos em relação aos seus trabalhos. De acordo com Dejours, Abdoucheli e Jayet (1994), aspectos relacionados às condições de trabalho, quais sejam os afetivos e racionais do trabalhador, podem interferir na carga mental dos sujeitos. Essa sobrecarga vivenciada por eles, provavelmente por não conseguirem descarregar as tensões no exercício do trabalho, pode levá-los a desenvolverem sintomas de adoecimento psíquico e físico, além do sentimento de desprazer. Além disso, Almeida, Eugenio e Bispo (2016, p. 15) discorrem sobre a desmobilização como a tentativa de escapar do excesso de movimento dos dias atuais, criando, assim, uma espécie de “nova epistemologia da paragem, isto é, da tomada de distância frente ao turbilhão de um mundo cuja engrenagem parece se mover em direção à maximização incontrolável do progresso e aceleração”. Ao que parece, e nesse caso, a “paragem” funciona como possível rota de fuga do sofrimento apontado pela elevação da carga psíquica no trabalho. Patrícia citou, por exemplo, a síndrome de *burnout*.

### 4.3 Rota C: a lógica de “se virar”

As nossas principais inspirações sobre a lógica de “se virar” são: Ibarra (2009), sugerindo que esse é processo transitório e que funciona sob a lógica de aprender na prática; Eugenio (2012) que teoriza sobre essa lógica de se virar como alguém que aprende fazendo; e Alboher (2012) ao afirmar que alguns sujeitos se viram entre o que gostam e o que precisam fazer.

Refletindo sobre o modo operativo desse movimento, constatamos o protagonismo desses sujeitos para demarcar limites de atuação, o caráter inventivo quando precisam refazer rotas ou se refazer nelas e a criatividade para encontrar novas maneiras de dar vida as suas atividades. Camilla afirmou que a sua experiência de trabalho começou muito mais cedo se comparada a realidade dos seus amigos, conseguindo aos 15 anos “um trabalho, primeiro, por uma situação financeira mesmo, então não tinha nada a ver com aquilo que eu queria fazer na minha vida e carreira, era mais por uma situação financeira de ter que me sustentar”. Precisou dar aula particular e iniciar como operadora de cobrança para conseguir pagar a sua faculdade. Quando Felipe decidiu passar um tempo na Irlanda para, inicialmente, aprender inglês, precisou se virar e muito, “lá eu fui faxineiro, trabalhei em bar, [...] fazia outros bicos em fábricas, trabalhei com faxina e várias coisas, mas meu trabalho fixo que me dava mais grana era o bar”, tudo isso para continuar vivenciando essa experiência. E Mariana, além de também praticar essa lógica, escuta, costumeiramente, de colegas da música que gostam de tocar o ritmo MPB, por exemplo, que precisam se virar nesse meio e acabam aceitando tocar em todos os estilos, principalmente, os que são mais comerciais, são esses “que têm a grana”. Continuou contando que não precisa se submeter a esse sistema, mas que, como médica,

tem horas que tô dando plantões em lugares que eu não gosto, entendeu? Mas tem que trabalhar, [...] por isso, hoje, ainda consigo negar algumas coisas [na música], por causa da grana que consigo na medicina. [Consigo] me manter financeiramente e aí consigo não depender do dinheiro da música, porque se não eu teria que topa tudo, você topa qualquer parada, você tem que tocar [em qualquer coisa] para ganhar dinheiro, você tem que se virar.

Ao que parece, se virar, em alguns casos, pode ocupar apenas uma dimensão simbólica, ligada à subjetividade do sujeito, algo mais particular. Como percebemos nas histórias narradas por Joaquim, que aprendeu sobre a sustentabilidade ainda como estudante de engenharia e hoje defende inúmeras causas ambientais, apesar de trabalhar “com moda e luxo, imagina! Trabalho pra marcas que produzem [cada vez mais]” em um contexto onde tem percebido que o mundo precisa “consumir menos” e reutilizar o que já possuem. Precisou se virar em meio a esse conflito ideológico para continuar trabalhando em um mercado onde precisa, mas sem deixar de defender suas causas.

#### 4.4 Rota D: as experiências e experimentações

Eugenio (2012) fala sobre algumas das características dos *slashers*, destacando, principalmente, a lógica de que aprendem enquanto fazem. Ibarra (2009, p. 119) também destaca que “aprendemos sobre nós mesmos testando possibilidades concretas na prática”, algo parecido com o que Diógenes (2016) verificou em uma de suas pesquisas ao, metaforicamente, afirmar que alguns sujeitos se descobrem a partir de uma brincadeira ou experimentação, tornando a experiência uma espécie de camarim de ensaio, um campo ou lugar de possibilidade para a experimentação.

Sobre essa rota, percebemos em nossa pesquisa que Felipe, por exemplo, acabou descobrindo na prática uma possibilidade profissional ao ter experimentado trabalhar em um bar na Irlanda. Ao retornar ao Brasil, [após dois anos trabalhando, novamente, em agência de publicidade], começou a trabalhar em casa e conseguiu acessar tudo o que tinha experimentado ao trabalhar no bar na Irlanda e começou a se redescobrir na experiência de se aprofundar no mundo das bebidas a partir de alguns cursos, “primeiro de coquetelaria, [...] depois um curso básico de vinhos no Senac, [...] em seguida um curso básico de cervejas, [...] depois de *sommelier* de cervejas, [...] e, por fim, de degustação de cervejas”. Atrelado a isso, entendeu que precisava de prática e conseguiu um trabalho temporário em um quiosque de cervejas para confirmar, na experiência prática, a sua paixão pelo produto.

Mariana conseguiu, também na prática, encontrar uma maneira de vivenciar a dinâmica da medicina e do canto e, hoje, percebe que “as duas atividades mexem” com ela, de igual modo, sem precisar “escolher fazer uma coisa ou a outra” atividade. O processo de descobertas de si de Joaquim parece continuar acontecendo até hoje que, graças à flexibilidade que tem na empresa de eventos, consegue dedicar parte do tempo livre para descobrir prazeres ainda desconhecidos, como o gosto

pela culinária, fotografia, empreendedorismo, colecionismo, tendo claramente a sua posição como ser social, “com sete bilhões e meio [de pessoas] no planeta, tem que ter coisas novas, tem coisas novas maravilhosas”, e isso parece movê-lo em busca de novas versões de si, não descartando, por exemplo, a possibilidade de se tornar chef de cozinha com mais de 50 anos de idade.

Eugenio (2012) fala sobre algumas das características dos *slashers*, destacando, principalmente, a lógica de que aprendem enquanto fazem. Ibarra (2009, p. 119) também destaca que “aprendemos sobre nós mesmos testando possibilidades concretas na prática”, algo parecido com o que Diógenes (2016) verificou em uma de suas pesquisas ao, metaforicamente, afirmar que alguns sujeitos se descobrem a partir de uma brincadeira ou experimentação, tornando a experiência uma espécie de camarim de ensaio, um campo ou lugar de possibilidade para a experimentação.

#### 4.5 Rota E: os processos identitários dos *slashers* em suas trajetórias

Foi nessa rota onde percebemos emergir conteúdos ligados ao reconhecimento, sofrimento, ansiedade, nervosismo e identidade entre os *slashers* (Goffman, 1961; 2002; Dejours, 1992; 1993; 2004; 2005; 2007).

Sobre Mariana, mais do que tentar compreender possíveis crises de identidade em suas atividades, já que desde o início fez questão de dizer que nunca teve que “escolher entre fazer uma coisa ou outra” ou, ainda, que se considera “as duas coisas”, Mariana nos sensibilizou para adentrar e conhecer as suas representações de papéis que mudavam, principalmente, a depender do local ou público. Contou que

em Vitória sou muito mais conhecida como cantora do que como médica, porque eu sempre apareci na mídia por causa da música e porque é uma cidade pequena, então todo mundo me vê como cantora, acho que vai ser muito difícil quando eu voltar pra Vitória e tentar me inserir como profissional médica. [...] Quando eu voltar pra lá, sei vou ter que me mostrar pro mercado como médica e isso é um pouco difícil, porque as pessoas tem preconceito em relação a isso: “será que essa cantora é uma boa médica mesmo”.

Reconhece, também, ser “uma profissional médica e uma profissional da música. Eu me considero as duas coisas, não me excluo em nenhuma delas, [...] mas sei que, mesmo assim, vou ter momentos de frustração”, demonstrando certa ansiedade para fazer o “ser cantora”, enquanto atividade profissional, acompanhar o ritmo do “ser médica” em São Paulo e nervosismo ao se imaginar numa aparente situação de risco em suas atividades. As histórias de Patrícia também dialogaram com a ideia de processos identitários e, aparentemente, ela sofre com isso. Começou relatando que “na nossa sociedade, ainda hoje, as pessoas têm a necessidade de definir a pessoa como uma coisa só: Patrícia é médica ou Patrícia é advogada. As pessoas ainda não entendem muito” essa dinâmica

da carreira *slash*, onde todos podem ser o que desejam enquanto profissionais. E essa confusão mexe com ela, porque “quando você vai num banco ou algo do tipo, perguntam a sua profissão, você responde o que? Cinco coisas? Às vezes, juro pra você, coloco ‘estudante’ por não saber o que dizer [quando fazia pós]”.

## 5 SÍNTESES PROVISÓRIAS E NOVOS QUESTIONAMENTOS

Considerando o objetivo do estudo - compreender, numa perspectiva interdisciplinar, as características das trajetórias dos *slashers* - encerramos esse texto apresentando duas sínteses provisórias e uma proposição reflexiva.

Como **primeira síntese**, constatamos algumas das características dos *slashers* abordadas pela literatura nas representações dos nossos entrevistados, como: (i) indivíduos que conseguem transitar entre períodos geracionais (Forquin, 2003); (ii) a lógica de se virar (Ibarra, 2009; Eugênio, 2012); (iii) paragens e desmobilizações (Almeida; Eugênio; Bispo, 2016); (iv) as experiências e experimentações como processo de descobertas de si e de novas rotas profissionais “ao fazer na prática” (Ibarra, 2009; Eugênio, 2012; Diógenes, 2016); e (v) o trabalho como fonte de prazer-sofrimento, reconhecimento e identidade (Goffman, 1961; 2002; Dejours, 1992; 1993; 2004; 2005; 2007; Ibarra, 2009).

Os estudos e pesquisas considerados nesse trabalho sobre os *slashers* trazem a dinâmica da carreira *slash* em relatos que convergem para um modelo “*glamourizado*” ou “romantizado”, no sentido de que esses sujeitos acionam predominantemente “o lado bonito das suas práticas profissionais”. Dessa forma, nossa **segunda síntese** ocupa uma dimensão crítica e revela que, supostamente, “nem tudo é tão bonito quanto parece ser”. Claramente, o prazer é acionado por vezes durante a dinâmica *slash*, mas as dimensões de sofrimento, ansiedade, preocupação e nervosismo, pouco exploradas pela literatura, foram bastante percebidas por nós na quase totalidade dos nossos entrevistados.

Uma **proposição reflexiva** que fazemos desde a lente antropológica é: como se dá a “lugarização”, no sentido antropológico do termo, dos *slashers*? Estariam eles à procura do lugar antropológico, isto é, aquele que se caracteriza por ser identitário, relacional e histórico (Augè, 1994)? Como afirma Augè (1994, p. 24): “toda representação do indivíduo é, necessariamente, uma representação do vínculo social que lhe é consubstancial”. Estariam as várias “barras” entre atividades representando também possíveis fragilidades do vínculo social no contexto laboral contemporâneo, donde a procura por múltiplas atividades e lugares, ao mesmo tempo que sinaliza versatilidade, múltiplas realizações de si pelas via das experiências e experimentações, também desvelaria “deslugarização”

e não pertencimento? Augè (1994) articula seu pensamento sobre lugares e não-lugares antropológicos relacionando-os aos três traços de excesso da supermodernidade: i) superabundância factual; ii) superabundância espacial; e iii) individualização das referências. Nesse sentido, seriam os *slasher* exemplares dos excessos da supermodernidade no mundo do trabalho?

Novos estudos interdisciplinares podem ser realizados a partir dos resultados dessa pesquisa, suas sínteses provisórias e sua proposição reflexiva. Temas como o das representações de papéis na vida laboral (cf. Goffman, 1961, 2002) e o da Psicodinâmica do Trabalho (Dejours, 1992; 1993; 2004; 2005; 2007) no contexto específico do fenômeno *slash* podem ser frutíferos. Sugere-se, ainda, ampliar a diversificação do campo contemplando outros contextos profissionais e gerações variadas de trabalhadores.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Alboher, M. (2012). **One person/Multiple careers: the original guide to the slash careers**. Heymarci.

Alcadipani, R.; Medeiros, C. R. O. (2016). O herói-envergonhado: tensões e contradições no cotidiano do trabalho policial. **Rev. bras. segur. pública** | São Paulo v. 10, n. 2, 134-153.

Almeida, M.I.M. (2012). Criatividade contemporânea e os redesenhos das relações entre autor e obra: a exaustão do rompante criador. IN: PAIS, José Machado; ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de (Org). **Criatividade, juventude e novos horizontes profissionais**. Rio de Janeiro: Zahar, p. 21.

Almeida, M. I. M.; Eugenio, F. (2016). Horizontes da finitude – desmobilizações e atualizações da resistência nas juventudes contemporâneas. In: **Cartografias da Paragem: desmobilizações jovens contemporâneas e o redesenho das formas de vida**. Org: Maria Isabel Mendes de Almeida, Rio de Janeiro, Gramma.

Almeida, M. I. M.; Eugenio, F.; Bispo, R. (2016). Das solidões deliberadas às desmobilizações táticas – rastreamento descritivo de um processo de pesquisa. In: **Cartografias da Paragem: desmobilizações jovens contemporâneas e o redesenho das formas de vida**. Org: Maria Isabel Mendes de Almeida, Rio de Janeiro, Gramma.

Antunes, R. (2009). As configurações do trabalho na sociedade capitalista. **Revista Katál. Florianópolis**, v. 12, n. 2, p. 131-132.

Appadurai, A. (2004). **Dimensões culturais da globalização**. Editora Teorema, 2004.

Augè, M. (1994). **Não-lugares**. Introdução a uma antropologia da supermodernidade. 3 ed. Campinas, SP.

Bauman, Z. (2001). **Modernidade líquida**. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro: p. 12.

Cavazotte, F.S.C.N.; Lemos, A.H.C.; Viana, M.D.A. (2012). Novas gerações no mercado de trabalho: expectativas renovadas ou antigos ideais? **Caderno EBAPE.BR**, v. 10, nº 1, artigo 9, p. 162-180, Rio de Janeiro.

Chanlat, J. F. (1995). Quais carreiras e para qual sociedade – I? **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo: v.35, p. 67-75.

Cintra, A. M. S.; Mesquita, L. P.; Matumoto, S.; Fortuna, C. M. (2017). Cartografia nas pesquisas científicas: uma revisão integrativa. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 29, n. 1, p. 45-53.

Cordeiro, H.T.D. (2012). **Perfis de carreira da geração Y**. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo.

Dejours, C. **A loucura do trabalho**. (1992). 2. ed. São Paulo, SP: Cortez.

Dejours, C. (2004). **Da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho**. Lancman, S. & Sznelwar, L. I. (Orgs.) Brasília.

Dejours, C. (2005). **O fator humano**. Rio de Janeiro: FGV.

Dejours, C. (2007). Uma nova visão do sofrimento humano nas organizações. In: CHANLAT, J. F. **O indivíduo na organização: dimensões esquecidas**. Tradução Arakcy Martins Rodrigues, 3. Ed, São Paulo: Atlas.

Dejours, C.; Abdoucheli, E.; Jayet, C. (1994). **Psicodinâmica do trabalho: Contribuições da Escola Dejouriana à análise da relação Prazer, Sofrimento e Trabalho**. São Paulo: Atlas, 1994.

Dejours, C.; Dessors, D.; Desrlaux, F. (1993). Por um trabalho, fator de equilíbrio. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, 33(3):98-104, Mai/Jun.

Deleuze, G.; Guattari, F. (1995). **Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia**, vol 1, tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa, Coleção TRANS, Rio de Janeiro: Ed. 34.

Diogenes, G. (2016). Variações e conexões nas profissões de Tamara Alves: experimentar, borrar, sujar, brincar e criar, **IN: Ferreira, Vitor (Org) ICS**, Lisboa; *in prelo*.

Eugenio, F. (2012). Criatividade situada, funcionamento consequente e orquestração do tempo nas práticas profissionais contemporâneas. IN: PAIS, José Machado; ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de (Org). **Criatividade, juventude e novos horizontes profissionais**. Rio de Janeiro: Zahar, p. 210.

Ferreira, V. S. (2012). Das belas-artes à arte de tatuar: dinâmicas recentes no mundo português da tatuagem. IN: Pais, José Machado; Almeida, Maria Isabel Mendes de (Org). **Criatividade, juventude e novos horizontes profissionais**. Rio de Janeiro: Zahar, p. 56.

Forquin, J. C. (2003). Relações entre gerações e processos educativos: transmissões e transformações. Tradução de Yves de Neufville. In: Congresso Internacional Co-Educação De Gerações. **Anais...** São Paulo: s/n, 2003.

Goffman, E. (1961). **Manicômios, prisões e conventos**. Editora Perspectiva, São Paulo.

Goffman, E. (2002). **A representação do eu na vida cotidiana**. Editora Vozes, Petrópolis.

Hall, D. T. (2012). Implications for the Management of People and Organization. In: BRISCOE, Jon P. et al. **Careers around the world: individual and contextual perspectives**. New York: Routledge.

Ibarra, H. (2009). **Identidade de Carreira: a experiência é a chave para reinventá-la**. São Paulo, Editora Gente.

Magalhães, E. (2012). **Eles fazem de tudo: conheça a 'slash generation'**. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/cultura/megazine/eles-fazem-de-tudo-conheca-slash-generation-3949440>. Acesso em: 02 de abril de 2018.

Mendes, A. M. (2007). Pesquisa em psicodinâmica do trabalho: a clínica do trabalho. In A. M. Mendes (Org.). **Psicodinâmica do trabalho: teoria, método e pesquisas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, p. 65-87.

Queiroz, M. I. (1988). Relatos orais: do indizível ao dizível. In: SIMSON, Olga de Moraes (Org.). **Experimentos com histórias de vida**. São Paulo: Vertice.

Romagnoli, R. C. (2009). A cartografia e a relação pesquisa e vida. **Psicologia & Sociedade**; 21 (2): 166-173.

Rotunno, L. (2016). **A geração “slash”. Quem são eles?** Disponível em: <https://pt.linkedin.com/pulse/gera%C3%A7%C3%A3o-slash-%C3%A9-aqui-aonde-chegamos-luigi-rotunno>. Acesso em 03 de maio de 2018.

Sant’anna, A. S.; Kilimnik, Z. M. (2009). Projeto de Vida: Nova carreira. **Revista GV Executivo**, volume 8, nº 2.

Tolfo, S.R. (2002). A Carreira profissional e seus movimentos: revendo conceitos e formas de gestão em tempos de mudanças. **rPOT**. Santa Catarina: v. 2, p. 39-63.